

## **DA AUTORIA: HISTÓRIA, ATUALIDADE E PERSPECTIVAS**

Este dossiê é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa CNPq “Da autoria literária: história, atualidade e perspectivas”, criado em 2021 com objetivo geral de aprofundar as pesquisas sobre a autoria literária no Brasil, desde a época de sua consolidação, no século XIX, até a contemporaneidade. As investigações a respeito de tal conceito se mostram particularmente oportunas neste momento em que os meios digitais obrigam a repensar as noções de autor e autoria constituídas com base, principalmente, nas formas materiais dos manuscritos e impressos.

De fato, se a noção de “autoria/autoria literária” foi-se definindo no século XVIII por meio de intensos debates acerca de (novos) conceitos estéticos e jurídicos e de práticas literárias, editoriais e institucionais, então emergentes, até se consolidar finalmente no XIX, hoje ela ganha novos contornos em razão do surgimento dos meios e suportes modernos, que impulsionam a produção da literatura em larga escala e põem em crise ideias e consensos em torno da representação estética. Semovente desde seu assentamento, a noção de “autoria” se alterou e continua a passar por profundas transformações, motivo pelo qual merece ser rediscutida da maneira como se apresenta, e como vem sendo reconfigurada na atualidade. As percepções críticas e teóricas dos últimos cinquenta anos sobre “autor” e “autoria”, somadas ao dinamismo dos meios digitais, estimulam a repensar as concepções cristalizadas e, em grande medida, naturalizadas, que prevaleceram anteriormente.

As respostas à chamada para o dossiê da *Remate de Males* sinalizam neste sentido. A submissão de artigos de pesquisadores vinculados a instituições de várias regiões do Brasil, bem como do exterior, confirma

o interesse pelo tema que, no final da década de 1960, entrou na pauta dos estudos literários impulsionado pelos ensaios seminais “O que é um autor?”, de Michel Foucault, e “A morte do autor”, de Roland Barthes. Ambos os ensaios são referência incontornável nas discussões sobre a problemática autoral e serviram de ponto de partida da proposta que a *Remate de Males* lançou para compor dois dossiês em 2023.

No dossiê do primeiro volume deste ano, Marco Antônio Sousa Alves, debruçando-se sobre as teses apresentadas por Michel Foucault, relê o ensaio de 1969 à luz de outros escritos e de outras questões que ocupavam o filósofo francês na década de 1960, associadas aos modos de existência dos discursos e à crítica à noção de sujeito. Alves defende que a perspectiva de Foucault no ensaio é eminentemente filosófica, distanciando-o da perspectiva literária de Barthes. O que atrairia Foucault não seria a literatura enquanto tal, mas as experiências radicais com a linguagem, a experiência-limite do pensamento e o questionamento da noção soberana de sujeito ou autor.

Por outro caminho, a concepção de autoria enquanto substrato da cultura europeia é problematizada no artigo de Alfredo Cordiviola, que realiza um recuo temporal, privilegiando fontes geradoras de memória coletiva na província de Tlaxcala durante o processo de colonização espanhola na América Latina. A complexidade da autoria na época pré-moderna é observada nesse artigo por meio de um deslocamento geográfico para fora do continente europeu e de uma análise transversal da cultura ameríndia nascida do contato entre indígenas e colonizadores. Alfredo Cordiviola questiona a figura do autor nas letras modernas ocidentais, recorrendo ao exame de obras pictográficas e pictóricas, crônicas, peças teatrais e discursos historiográficos produzidos de acordo com as visões e necessidades indígenas. A autoria aí não se prende aos usos de nomes próprios, nem a virtudes individuais ou a particularidades estilísticas de um “eu” que escreve. Adquire uma dimensão coletiva, maior e mais perdurável do que qualquer nome próprio ou destino individual.

No artigo de Rodrigo Camargo de Godói, o uso moderno do nome próprio é investigado no contexto brasileiro posterior à colonização, a partir das trilhas abertas por Michel Foucault e Roger Chartier. Considerando que nas sociedades europeias o processo de constituição da autoria individual se deu em paralelo à elaboração de instrumentos jurídicos de controle e à regulamentação da propriedade autoral, o artigo discute a apropriação penal da noção de autoria no Brasil de modo a lançar

luz sobre escritos políticos e de opinião veiculados na imprensa do século XIX. As práticas de escrita, publicação e recepção de textos assinados na imprensa – os quais moldaram a cultura letrada do Império após a fase de acirramento das tensões políticas e confrontos verbais decorrentes da luta pela Independência e dos tumultos do período regencial, chegando à relativa estabilidade do segundo reinado – são estudadas lado a lado com as novas cláusulas do ordenamento jurídico introduzido no processo de autonomia da ex-colônia portuguesa na América. Fundamentado na legislação que criminalizou as violações da imprensa no Brasil e em decisões de tribunais de júri, Godói investiga os vínculos entre o uso do nome próprio, a construção da identidade autoral e a responsabilidade jurídica no Brasil oitocentista.

A concepção de autoria nascida de uma individualidade criativa, que a literatura do Romantismo ajudou a consagrar na figura do gênio iluminado e solitário, conforme mostrou o estudo de Bénichou, é problematizada no artigo de Luciana Antonini Schoeps, com base no conceito de cenografia autoral proposto por José-Luís Diaz. O conceito de *mise-en-scène*, emprestado ao teatro, pretende introduzir na construção do gesto autoral uma dimensão do escritor imaginário que se imbrica com o real e o textual. Propondo essa noção cênica, Diaz deseja refutar as duas principais reações críticas em face da noção moderna de autoria. De um lado, relativiza o apelo ao biografismo que tenta rastrear o escritor no sujeito empírico, ao modo de Saint-Beuve, e, de outro, questiona a declaração de morte ao autor, anunciada por R. Barthes, para quem o funcionamento linguístico prevalece. Luciana Schoeps se apoia na noção de cenografia autoral de Diaz, a fim de analisar a obra de Machado de Assis, pondo em relevo o plano das imagens que o escritor projetou para a representação de si, em diferentes fases de sua produção escrita, tanto em vida quanto postumamente.

O artigo de Lúcia Granja acrescenta, ao cuidado com a autorrepresentação de um escritor que busca o distanciamento da figuração romântica, a atenção às estratégias de construção autoral que incidem mais diretamente sobre práticas editoriais. A produção machadiana, sobretudo a prosa de ficção, é examinada nesse trabalho em conjunto com ações decisivas que agenciam os contratos para publicações em livro pelo selo Garnier, no Brasil, e por parceiros no exterior. Lúcia Granja mostra que o percurso de consagração literária do romancista brasileiro decorre, em certa medida, de seu alinhamento deliberado às

práticas de criação, publicação e circulação de manuscritos ficcionais que a editora adotava.

Silvia Maria Azevedo, por seu turno, assinala o modo pelo qual certas escolhas estilísticas podem constituir, para além de uma identidade singular de Machado de Assis, estratégias de inserção autoral no debate literário do século XIX. Examinando o uso de recursos retóricos em gêneros textuais, tais como a crítica, a crônica e o conto, o artigo traz evidências da indagação que o escritor lançou sobre o modelo estilístico vigente à época, distanciando-se a um só tempo do clichê e do patronímico.

Este primeiro dossiê da *Remate de Males* em 2023 se encerra com uma resenha de Daniel Reizinger Bonomo sobre o livro *O renascimento do autor: Autoria, heteronímia e fake memoirs*, de Caio Gagliardi, que traz uma contribuição importante para a renovação dos estudos sobre o tema no contexto brasileiro.

Com isso, o dossiê “Da autoria: história, atualidade e perspectivas” cumpre seu objetivo de promover e atualizar o debate amplo acerca do tema, reunindo artigos de autores de diferentes áreas do conhecimento e orientações metodológicas.

Orna Messer Levin  
Hélio de Seixas Guimarães